



FRANZ BRENTANO E A PSICOLOGIA EMPÍRICA UM PROJETO DE FILOSOFIA CIENTÍFICA, COM COMTE, CONTRA COMTE

EVANDRO OLIVEIRA DE BRITO¹

Resumo: Este trabalho possui dois propósitos. O primeiro deles consiste em apresentar a plausibilidade da tese de Dieter Münch, a qual afirma a recepção da *filosofia positiva* de Augusto Comte na *filosofia do psíquico* de Franz Brentano. O segundo propósito consiste em analisar as evidências textuais apresentadas por Comte, no *Curso de filosofia positiva*, e compará-las com as evidências textuais apresentadas por Brentano em 1874, tanto na obra *Psicologia do ponto de vista empírico* como no trabalho intitulado *Über die Gründe der Entmuthigung auf philosophischem Gebiete (Sobre as razões da desilusão no campo filosófico)*. Nossa análise sustentará a hipótese de que se trata de uma recepção de *Comte, contra Comte*, e esclarecerá o motivo pela qual a vinculação de Brentano ao positivismo deve ser analisada a partir do compromisso brentaniano em assumir e resolver o problema epistemológico descrito pelo *positivismo* como limitador de qualquer *psicologia científica*. Em outras palavras, trataremos de justificar, a partir de evidências textuais, que o ponto central para entendermos a recepção positivista na *Psicologia do ponto de vista empírico* é a solução para o seguinte problema colocado pelo positivismo: *como nós podemos lidar com os fenômenos psíquicos no contexto da filosofia positiva?*

Palavras chaves: Relação intencional. Positivismo. Psicologia empírica. Augusto Comte. Franz Brentano.

THE EMPIRICAL PSYCHOLOGY OF FRANZ BRENTANO

The project of a scientific philosophy, with Comte, against Comte

1. Pesquisador do grupo de pesquisa “Origens da filosofia contemporânea” PUC-SP/CNPq. Doutorando do Programa de Pós-graduação da UFSM/PNPD-Capes. Professor da Unicentro. E-mail: evandrobrito@yahoo.com.br.

Abstract: This paper has two purposes. The first of them is to present the plausibility of the Dieter Münch's thesis, which affirms the reception of the positive philosophy of Auguste Comte by the Franz Brentano's philosophy of mind. The second purpose is to analyze the textual evidence presented by Comte, in his work *Course of positive philosophy*, and compare them with textual evidence presented by Brentano in 1874, both in the work *Psychology from an empirical standpoint* and in the work *Über die Gründe der Entmuthigung auf philosophischem Gebiete* (On the causes of discouragement in the philosophical field). My analysis will support the hypothesis that it is a receipt of Comte's philosophy, against the philosophy of Comte, and it will clarify the reason that the relation between Brentano and positivism should be analyzed from the brentanian commitment to take on and solve the epistemological problem described by Comtean positivism as the limiting of all scientific psychology. In other words, I will justify, from textual evidence, that the central point to understand the reception of Comtean positivism in *Psychology from the empirical point of view* is the solution to the following problem posed by positivism: how we can deal with psychic phenomena in the context of positive philosophy?

Key words: Intentional relation. Positivism. Empirical psychology. Auguste Comte. Franz Brentano.

INTRODUÇÃO

Em 1866, o filósofo alemão Franz Brentano obteve o título de livre-docente na Universidade de Würzburg com as defesas de 25 teses de habilitação. Na quarta tese, especificamente, Brentano (1968, p. 135) sustentou que “o verdadeiro método da filosofia não era outro que o das ciências naturais” (*Vera philosophiae methodus nulla alia nisi scientiae naturalis est*). Esta tese merece, no entanto, um especial destaque pelo fato de ter orientado toda a trajetória intelectual de Brentano, não apenas nos anos em que se manteve vinculado às instituições universitárias na Alemanha e na Áustria, mas também nos anos finais de sua vida, quando esteve envolvido em sociedades e grupos científicos na Itália².

A força dessa tese é evidente em todos os trabalhos publicados por Brentano durante sua vida. No entanto, foi na primeira parte da sua grande obra, a *Psicologia do ponto de vista empírico* publicada em 1874, que ele se ocupou detalhadamente de apresentar os fundamentos daquilo que seria uma filosofia concebida a partir do método das ciências naturais, ou seja, uma filosofia concebida segundo os critérios metodológicos estabelecidos pela filosofia positiva de Augusto Comte. Portanto, foi

2. Cf. Albertazi, 2006.

primeiramente nesse trabalho que o caráter empírico da filosofia brentaniana do psíquico foi vinculado radicalmente ao positivismo e ao seu ideal de cientificidade.

Para apresentar a proposta brentaniana de cientificidade da *Psicologia empírica*, nós tomaremos o trabalho de Dieter Münch (1989), intitulado *Brentano and Comte*, e analisaremos sua principal tese acerca das influências do positivismo na teoria brentaniana do psíquico³. Essa tese sustenta que a vinculação de Brentano ao positivismo deve ser analisada a partir do interesse brentaniano em assumir o problema epistemológico levantado pelo positivismo para toda e qualquer proposta de formulação de uma *psicologia científica*. Deste modo, o ponto central para entendermos a recepção da filosofia positiva na *Psicologia do ponto de vista empírico* deve ser o problema colocado pelo positivismo, o qual ela se propôs resolver. Por isso, Münch (1989, p. 33) sustenta que “a teoria brentaniana dos fenômenos psíquicos é de fato a resposta para a questão: como nós podemos lidar com os fenômenos psíquicos no contexto da filosofia positiva?”

Temos aqui, portanto, o fio condutor para a análise da nossa proposta, pois a resposta para a questão colocada por Münch elucidará o modo como a psicologia brentaniana do psíquico radicalizou a tese positiva de Comte para, contra este, sustentar a possibilidade de uma psicologia empírica.,

COMTE E BRENTANO: OS DESAFIOS POSITIVISTAS EM UMA PSICOLOGIA EMPÍRICA

Na introdução de seu artigo intitulado *Brentano and Comte*, Münch (1989) apresenta o contexto em que se deu o problema que colocou em jogo a cientificidade

3. Esta é, certamente, uma das possibilidades de análise da questão. A cientificidade da psicologia pode, ainda, ser compreendida a partir do caminho adotado por Bernard Barsoti, em seu artigo *De Leibniz à Brentano: naissance et fin du rêve d'une chimie des représentations*. Baseado nas correspondências entre Clarke e Leibniz. Barsoti diferencia os limites epistemológicos da filosofia de Clarke e Leibniz por meio de uma relação direta entre estas propostas epistemológicas e o desenvolvimento da ciência. De modo mais específico, Barsoti inicia a descrição dos limites epistemológicos da filosofia indicando os limites da análise de Clarke acerca das ciências naturais e o modo como a epistemologia leibniziana supera estes limites. Esta superação estava norteada, descreve Barsoti, pela superação do “paradigma” da mecânica de inspiração cartesiana (fundada nos cânones das relações matemáticas), ao qual Clarke estava vinculado, pelo *paradigma* de mecânica de inspiração newtoniana que, ocupada com o problema da gravitação, continha em seu cânone a noção de força. Vinculado a este último *paradigma*, a epistemologia leibniziana tardia descreve o conhecimento a partir do pressuposto da existência de um *objeto motivacional*, ainda que restrito ao âmbito prático. “Il est remarquable que ce soit le travail de rectification suscité à travers Clarke par l’image de la balance qui amène Leibniz à dévoiler le caractère original du principe de raison suffisante appliqué aux relations de la conscience et de ses objets-même si ces relations restent limitées au domaine pratique. Ni mécanique, ni dynamique, ni logique, la raison suffisante de l’action volontaire est un type particulier de relation de l’esprit à ses objets, une relation de motivation dotée de caractères d’intensité et d’opérativité propres. Brentano se souviendra de cette extension du principe raison à la conscience d’objet dans sa propre théorie du jugement”. BARSOTI, 2013,p. 138-139.

da *psicologia empírica*. Segundo ele, deve ser destacado, como ponto fundamental, o fato de que Brentano fundou a psicologia como ciência, mas rejeitou a ideia de psicologia como ciência da “alma” ao assumir a exigência de cientificidade proposta por Lange, o qual buscava uma “*psicologia sem alma*”. Por isso, segundo Münch, a teoria brentaniana apresentada na obra *Psicologia do ponto de vista empírico* se fundou na rejeição da enigmática noção de “alma”, tomada como um portador substancial. Esta rejeição estava baseada, inicialmente, em dois motivos.

O primeiro motivo consistia no fato de que Brentano pretendia lidar, de modo científico, com a questão que envolve a noção de imortalidade da alma num último volume a ser elaborado futuramente para sua obra, pois pretendia justificar a tese de que as leis psíquicas, enquanto objeto de estudo da *psicologia*, são eternas (universais e necessárias). O segundo motivo consistia no fato de que Brentano foi influenciado pela psicologia de Aristóteles, na qual a alma exercia um papel central, mas não se constituía necessariamente em um portador substancial, uma vez que também podia ser descrita a partir do conceito de relação intencional.

Deste modo, segundo Münch, foi o propósito de elucidar essa enigmática noção que abriu o caminho para a investigação dos trabalhos de outro pensador, o qual, além de Aristóteles, exerceu um papel fundamental para a compreensão da psicologia de Brentano. Tratava-se, portanto, dos trabalhos de Augusto Comte e seus critérios de cientificidade instituídos por meio de sua *filosofia positiva*.

No contexto da análise elaborada por Münch, portanto, a *fundação da psicologia como ciência* deparou-se, por um lado, com o problema da definição do método e, por outro lado, como com o problema da definição do objeto da *psicologia*. Por isso, ao lado da necessidade de adaptação do método científico positivista à psicologia, estava também a necessidade de delimitação do objeto da ciência psíquica. Assim, ambos constituíram a tarefa preliminar norteadora das preocupações de Brentano. Esta dupla tarefa foi elucidada nas palavras com que ele iniciou sua grande obra.

O título que atribui a minha obra explicita por si mesmo o objeto e o método. Em psicologia eu me coloco no ponto de vista empírico. Meu único mestre é a experiência. Eu compartilho, portanto, com outros filósofos, a convicção que uma certa fonte de ideal não é incompatível com este ponto de vista (nossa tradução). (BRENTANO, 1974, p. 01)

Segundo Münch⁴, portanto, foi o aristotelismo de Brentano que o levou a se familiarizar com a filosofia concebida a partir do *espírito científico*⁵. E, no que diz

4. Uma descrição das relações entre os conceitos da psicologia aristotélica e a psicologia brentaniana é apresentado por Münch como *boneco de palha* do seu argumento que pretende estabelecer a influência de Comte na psicologia de Brentano. Cf. MÜNCH, 1989, p. 33-38.

5. Sobre a relevância da *filosofia positiva* para o desenvolvimento científico da humanidade, conferir o artigo *Las cuatro fases de la filosofía y su estado actual* (BRENTANO, 1936, p.

respeito à viabilidade da proposta, Münch considera que Brentano foi bem sucedido nessa dupla tarefa, pois sua teoria dos fenômenos psíquicos teria sido, por um lado, uma resposta para a questão: *como podemos lidar com fenômenos psíquicos* no contexto da *filosofia positiva*? E, por outro lado, sua teoria teria resolvido um problema gestado dentro da própria *“filosofia positiva ao estabelece as leis que fundavam a psicologia como ciência”* (p. 36). Ora, se essa tese de Münch for admitida como plausível, então a questão que se coloca indaga pelos fundamentos positivistas, tanto do método, como do conceito de *fenômeno psíquico*, enquanto objeto próprio da *Psicologia*. Analisaremos esses fundamentos em seguida, pois trataremos primeiramente de apresentar a posição de Brentano acerca desse ponto.

Apresentada, assim, a tese de Münch, trataremos agora de corroborá-la a partir das evidências textuais apresentadas por Brentano na obra *Psicologia do ponto de vista empírico* e, em seguida, problematizá-la também por meio de evidências textuais, encontradas no trabalho *As razões da desilusão em filosofia* (*Über die Gründe der Entmuthigung auf philosophischem Gebiete*). Essa problematização elucidará o sentido em que essa a proposta brentaniana, com Comte, *é também* uma proposta contra Comte.

BRENTANO COM COMTE: OS FUNDAMENTOS POSITIVISTAS DE UMA PSICOLOGIA EMPÍRICA

Para corroborar a hipótese de Münch, podemos recorrer a dois pontos que explicitam abertamente a base comtiana utilizada por Brentano na sua proposição do método e do objeto da *Psicologia*. A saber: (1) o compromisso crítico com a cientificidade moderna de evitar pressuposições metafísicas; (2) o compromisso positivista propriamente dito de restringir os objetos da ciência aos *fenômenos* para instituir, de modo cada vez mais geral, as leis que explicam as relações entre eles. Vejamos cada um desses pontos separadamente.

(1) Quanto ao compromisso crítico, com a cientificidade moderna, de evitar pressuposições metafísicas, é fundamental considerar que, na *Psicologia do ponto de vista empírico*, Brentano abdica da pretensão de conhecimento transcendente em função dos limites epistemológicos do método que pretende utilizar. Por isso, a realidade para além dos fenômenos físicos deve ser rejeitada a partir da perspectiva empírica e seu alcance. A seguinte passagem oferece evidências textuais quanto a esse critério.

01-34), onde Brentano destaca a superioridade da posição histórica de Comte para com a história da filosofia.

Não é, pois, correta a hipótese de que um fenômeno físico, como os que se encontram intencionalmente em nós, exista fora do espírito e encerre realmente uma contradição. Apenas a comparação de um com outro resultam em conflitos que provam claramente como aqui nenhuma existência real corresponde à intencional. E sendo assim, até onde nossa experiência alcança, não erramos em negar aos fenômenos físicos toda existência distinta da intencional (nossa tradução). (BRENTANO, 1973, p. 132)

Ora, o que Brentano estabeleceu aqui, para a *psicologia*, foi a condição de que, se para a filosofia positiva as *ciências* eram as ciências dos *fenômenos*, então a psicologia deveria renunciar toda exigência de se relacionar com a natureza absoluta do mundo, ou seja, renunciar a exigência de apreender o objeto transcendente. Em outras palavras, Brentano assumiu certo tipo específico de ceticismo positivista ao recusar, para o âmbito da *Psicologia*, a amplitude de conhecimento proposta pela *Metafísica*⁶. Sua análise direta da filosofia comtiana nos oferece outra evidência textual:

O que distingue nossa condição daquela dos céticos é nossa exigência de que é possível conhecer a verdadeira relação que existe entre as coisas. Nós não podemos determinar o tamanho absoluto de um objeto, mas nós podemos calcular seu tamanho relativo com precisão. Nós nunca poderemos saber o absoluto momento no qual um evento ocorre, mas nós podemos ser capazes de especificar quando ele ocorre em relação a outro evento (nossa tradução). (BRENTANO apud MÜNCH, 1968, p. 40).

Em outra citação análoga, apresentada pelo editor Oskar Kraus no prefácio da *Psicologia do ponto de vista empírico*, Brentano reafirma seu posicionamento positivista:

Neste ponto nós (Brentano se referindo a Comte) permanecemos com os céticos. E que outro ponto existe que nos diferenciaria deles, se não a indicação do reconhecimento da verdadeira relação entre as coisas? O tamanho de um corpo não é determinável, mas podemos medir e calcular sua relação com exatidão... É assim que nos separamos dos céticos e deles nos distanciamos em mil milhas (nossa tradução). (BRENTANO, 1973, p. 132).

O exposto é suficiente para sustentar a afirmação de Münch de que Brentano assumiu o compromisso de restringir o objeto da psicologia ao âmbito dos fenômenos.

(2) Quanto ao compromisso positivista propriamente dito, ou seja, o compromisso de restringir os objetos da ciência aos *fenômenos* para instituir, de modo cada vez mais geral, as leis que explicam as relações entre eles, a seguinte afirmação de Brentano (1973, p. 05) nos oferece evidências textuais:

6. Tal como afirmou Peter Simon (1995, p. xvii), em sua *Introdução à segunda edição* para a *Psychology from an Empirical Standpoint*, Brentano poderia ser considerado um *methodological phenomenalist*.

De início, certos fenômenos evidentes e conhecidos pareciam prover uma explicação de realidades secretas. Reconhecidos posteriormente como mais obscuros que todos os demais, começaram a despertar assombro e curiosidade. Os grandes pensadores da antiguidade consagraram a eles o melhor de suas atividades. No entanto, não se estabeleceu consenso ou clareza acerca deles. Estes são precisamente os fenômenos que converti em meu objeto de estudo. Neste trabalho proponho esboçar, em termos gerais, um quadro exato de suas características e leis (nossa tradução).

Foi a partir desta perspectiva positivista, onde o objeto foi delimitado a fenômenos e o método foi restrito a formulação de leis gerais, que a definição brentiana de *psicologia* como ciência dos *fenômenos psíquicos* pode abdicar da análise da existência da alma, tomada como alguma coisa absoluta, ou seja, como um portador substancial que subsistiria em todos os nossos fenômenos mentais. A hipótese de Münch, portanto, está textualmente justificada, como evidencia finalmente as conclusões de Brentano expostas na citação abaixo.

E se alguém diz que a psicologia é a ciência da alma, e com isso designe com o nome alma o portador substancial de estados psíquicos, então ele expressa a convicção de que fenômenos psíquicos são considerados características de uma substância. Mas, o que autoriza aceitar tais substâncias? Diz-se que elas não são objetos de experiência. Nem a sensação e nem a percepção interna nos mostram uma substância. Como ocorre a nós os fenômenos do calor, cor e som, assim se apresentam a nós os fenômenos de pensar, sentir e querer. Nós não observamos uma substância, a qual eles aderem como características (nossa tradução). (BRENTANO, 1973, p. 15)

Exposto o problema e as diretrizes de sua proposta de solução, cabe-nos agora aprofundar um pouco mais a tese de Münch e focar a questão exposta a partir de outra perspectiva. Pois, por mais que o intuito de Brentano fosse o de assumir o positivismo comtiano como método para a *Psicologia do ponto de vista empírico*, é preciso levantar algumas observações fundamentais acerca das proximidades e discrepâncias entre tais propostas científicas.

COMTE CONTRA BRENTANO: OS CRITÉRIOS POSITIVISTAS LIMITADORES DA PSICOLOGIA EMPÍRICA

No contexto da publicação do *Curso de filosofia positiva*, Comte se declarava abertamente um combatente da *psicologia científica* em função do método que esta empregava, mas também em função da indefinição de seu objeto de estudo. Suas palavras foram as seguintes:

Este pretense método psicológico é, pois, radicalmente nulo em seu princípio. Do mesmo modo, consideramos a que processos profundamente contraditórios conduz de imediato. De um lado, recomenda-se que vós vos isoleis, tanto quanto possível, de toda sensação exterior; é preciso, então, impedir-vos todo trabalho intelectual; pois, se vós vos ocupeis unicamente em fazer o cálculo mais simples, no que se converteria a observação interior? De outro lado, depois de ter, enfim, à força de precaução, atingido este estado perfeito de sono intelectual, vós deveis vos ocupar em contemplar as operações que se executariam em vosso espírito, quando aí nada mais passasse. (COMTE, 1873, p. 20)

Ora, o que nos interessa, aqui, é determinar como e porque, no contexto desta crítica positivista, a primeira tese de Münch se torna plausível (a saber, *como lidar com os fenômenos psíquicos no contexto da filosofia positiva?*). Em outras palavras, se este foi o desafio lançado por Comte contra a psicologia do século XIX, como e porque Brentano, então, o tomou por inteiro, assumindo a tarefa de solucioná-lo por meio de um duplo compromisso: (1) fundar a *psicologia* a partir de um ponto de vista *empírico*, o que significava reconhecer como válido tanto o objeto do conhecimento como os critérios pressupostos pelo método positivista; mas também (2) ampliar esse método, contra o próprio Comte, na medida em que seus próprios fundamentos garantissem a possibilidade de apreensão de outro objeto do conhecimento. Algumas considerações sobre o contexto em que Brentano publicou sua teoria servirão para elucidar o modo ele recepcionou o ataque de Comte contra as pretensões da *psicologia científica*.

Em sua conferência intitulada *As razões da desilusão no campo filosófico* (BRENTANO, 1969, p. 83-100), proferida no mesmo ano da publicação de sua obra *Psicologia do ponto de vista empírico*, Brentano se ocupou de descrever as recentes mudanças de critérios para as investigações científicas acadêmicas, com o intuito de esclarecer a situação em que a perspectiva de investigação filosófica se encontrava naquele momento.

Segundo Brentano, havia ocorrido uma mudança muito rápida no que dizia respeito ao comprometimento dos filósofos acadêmicos para com o desenvolvimento do conhecimento humano. Esta mudança havia consistido no abandono da perspectiva da *filosofia sistemática*, a qual havia sido superada primeiramente pela possibilidade de se optar entre as perspectivas *a prioristas* e *empiristas*, e culminada com a consolidação do consenso acerca do *positivismo* como perspectiva filosófica fundamental.

Nestes termos, Brentano analisou sua própria conjuntura acadêmica (em 1874) e afirmou que, *há apenas* algumas décadas, a comunidade acadêmica ainda acreditava ser a missão de um professor de filosofia, o qual se apresentava a um novo círculo, desenvolver um quadro de seu sistema filosófico especial diante dos olhos de seus ouvintes. No entanto, isso havia mudado radicalmente, de modo que já há alguns anos, quando um professor se submetia a um exame acadêmico em

circunstâncias iguais, sua obrigação passara a ser a apresentação do método de sua investigação. Nesse caso, portanto, a exigência da exposição de uma *filosofia sistemática* havia sido substituída por uma dupla possibilidade: (a) ou o professor sustentava suas convicções acerca da capacidade humana de levantar o edifício de um saber especulativo por meio de uma intuição criadora e de uma construção a priori; ou (b) o professor sustentava que, assim como os cientistas da natureza, não havia de nenhum outro caminho conducente à verdade a não ser o da observação e da experiência. Finalmente, Brentano entendia que, nos seus dias, a radicalidade dessa mudança havia se consolidado a ponto de encerrar esta disputa epistemológica. A conclusão da análise brentaniana acerca dessa mudança no método da investigação filosófica foi a seguinte.

O que antes era problema, hoje é coisa e resolvida. Já não restam dúvidas que se tratando de assuntos filosóficos, não pode haver outro mestre que a experiência, bem como não se trata de subministrar o todo de uma concepção perfeita acerca do mundo com um gesto genial. Mas o filósofo deve adentrar em seu campo, conquistando-o passo a passo como qualquer outro investigador (nossa tradução). (BRENTANO, 1969, p. 85-86)

Ora, se o que acaba de ser exposto, a partir do próprio contexto científico acadêmico, nos apresenta algumas das razões que conduziram a *psicologia* brentaniana ao positivismo, a questão que se coloca, agora, indaga pelo **como** essa condução se deu e **como** Brentano a sustentou contra as exigências do próprio Comte. Vejamos, então, os passos metodológicos seguidos por Brentano.

BRENTANO COM COMTE, CONTRA COMTE: A FÍSICA SOCIAL OU A PSICOLOGIA EMPÍRICA

Em seu trabalho *As razões da desilusão no campo filosófico*, Brentano (1969, p. 83-100) também apresentou uma análise acerca da relação entre os objetos de estudo das ciências consolidadas, a saber, os objetos da matemática, física, química e fisiologia, tal como eles eram descritos no interior do próprio método positivista. Nessa análise, ele explicitou o fato de que a ligação entre as ciências decorriam da relação inversa entre o caráter abstrato e a complexidade do seu objeto de estudo. Em outras palavras, Brentano assumiu a tese comtiana de que, quanto mais abstrato fosse o objeto de estudo de uma ciência, mais simples este objeto seria. Do mesmo modo, quanto menos abstrato o objeto, mais complexo ele seria. Sendo assim, ainda segundo a análise de Brentano, o ponto fundamental estava no fato de que o desenvolvimento e a consolidação de uma ciência menos abstrata como a física, por exemplo, dependeu metodologicamente da consolidação da ciência mais

abstrata como a matemática. Pois, a definição acerca dos objetos de estudo da física pressupuseram a consolidação acerca dos objetos de estudo da matemática, bem como de suas leis. O mesmo critério de análise, portanto, foi suficiente para esclarecer e justificar também o motivo pelo qual a química dependeu da consolidação da física e a fisiologia da consolidação da química. De modo explícito, o argumento de Brentano foi o seguinte:

Se agruparmos as diversas ciências teóricas: a matemática, a física, a química, a fisiologia, reconhecermos que formam uma série na qual cada um dos termos é menos abstrato que o seguinte. O objeto da ciência posterior é mais complexo, no sentido em que os fenômenos que constituem o objeto da ciência anterior se complicam na posterior, com novos elementos e condições. Daqui se segue que cada uma das ciências posteriores depende das anteriores, enquanto o contrário nunca ocorre ou ocorre raramente. Precisamente por isso, o desenvolvimento de uma ciência posterior é mais lento. E, comparando o grau de perfeição que esta possui em certo momento, com o que possui ao mesmo tempo uma das ciências anteriores, aquela aparecerá atrasada com relação a esta (nossa tradução). (BRENTANO, 1969, p. 92-93)

Mas não foi só isso. Para ressaltar como o método positivista foi preparado para ser usado contra o próprio Comte, é preciso reconhecer que o ponto principal da análise de Brentano estava na caracterização do estado imaturo daquela ciência que sucedeu a consolidação da fisiologia. A saber, a ciência definida por Comte como *física social*, mas a qual Brentano definiu como uma *psicologia empírica*. Certamente, esse é apenas um ponto tangencial e, por isso, é de fundamental importância considerarmos todos os pontos do argumento brentaniano apresentados na seguinte citação.

Assim nos ensina, claramente, a história da ciência. Os gregos possuíam uma grande riqueza de descobrimentos matemáticos. Mas, em física, ainda que Arquimedes tenha fundado a parte mais elementar – a mecânica estática, todos os grandes êxitos ficaram reservados para a época de Galileu e dos séculos posteriores. A química propriamente científica é, por sua vez, muito mais recente que a física. Lavoisier, que como se sabe morreu vítima da revolução francesa, geralmente é considerado o fundador da química. E a construção de uma fisiologia científica pertence somente ao nosso século. Inegavelmente, seu desenvolvimento está muito mais atrasado que o da química, assim como o desenvolvimento desta foi mais tardio que o da física. Por sua vez, a física não pode ser comparada nem de longe com as ciências matemáticas. Está claro, pois, que se existissem fenômenos que se comportassem, com relação aos fenômenos fisiológicos, tais como estes se comportam em relação aos fenômenos químicos, bem como os químicos com respeito aos físicos, a ciência que se ocupa deles deveria encontrar-se numa fase de desenvolvimento imatura. Estes fenômenos são os estados psíquicos e não os encontramos senão unidos a organismos e dependendo de certos processos fisiológicos (nossa tradução). (BRENTANO, 1969, p. 94).

Ora o que sustenta a nossa hipótese de que se trata de uma proposta *com Comte contra Comte* é o fato de que, *mutatis mutandis*, Brentano concebeu o modo

de fundação da *psicologia empírica* a partir da mesma perspectiva epistemológica que Comte concebeu o modo de fundação da *física social*. Assim, basta considerar a seguinte descrição do processo de desenvolvimento epistemológico comtiano, o qual culminaria na física social.⁷

I) Estudo da terra ou cosmologia baseado numa concepção de uma ordem abstrata (ou seja, estudo da existência universal) realizado a partir dos níveis de desenvolvimento da matemática:

1^a. Numérica;

2^a. Geométrica;

3^a. Mecânica.

II) Estudo da terra ou cosmologia baseado numa concepção de uma ordem concreta (estudo da ordem material) realizado a partir dos níveis de desenvolvimento da física:

4^a. Celeste (astronomia);

5^a. Geral (Física);

6^a. Especial (química).

III) Estudo do homem baseado na concepção preliminar de uma ordem vital:

7^a. Fisiologia.

IV) Estudo do homem baseado na concepção final de uma ordem humana (física social):

8^a coletiva (sociologia); individual (moral).

A comparação entre as concepções de desenvolvimento científico comteanas e brentanianas evidencia a relação intrínseca entre elas. Mas, ainda que o ponto tangencial entre o *positivismo* comtiano e a *psicologia empírica* brentaliana tenha se tornado explícito, cabe aqui ressaltar dois pontos.

Em primeiro lugar, a física orgânica, enquanto estudo do homem baseado na concepção de uma ordem vital, foi a pedra de toque das análises comtianas e brentalianas. Assim, teria sido o fato da consolidação da fisiologia como ciência que inaugurou a possibilidade daquele âmbito da ciência que Comte definiu como *física social científica* e, em seus termos, Brentano definiu como *psicologia empírica*. Neste sentido, é extremamente interessante compararmos duas citações em que as evidências textuais de ambos os autores se identificam no propósito de desenvolvimento das respectivas ciências a partir da fisiologia.

Comte:

7. Cf. especificamente o item VIII da 2^a lição do curso de filosofia positiva. COMTE, 1973, p. 38 - 39.

Todos os seres vivos apresentam duas ordens de fenômenos essencialmente distintos, os relativos ao indivíduo e os concernentes à espécie, sobretudo quando esta é sociável. É principalmente em relação ao homem que esta distinção é fundamental. A última ordem de fenômenos é evidentemente mais complicada e mais particular do que a primeira, depende dela sem a influenciar. Daí duas grandes seções da física orgânica: a fisiologia propriamente dita e a física social, fundada na primeira. Em todos os fenômenos sociais observa-se, primeiramente, a influência das leis fisiológicas do indivíduo. (...) Assim, a física social deve fundar-se num corpo de observações diretas que lhe seja próprio, atentando, como convém, para sua íntima relação necessária com a fisiologia propriamente dita. (COMTE, 1973, p. 38 – 39).

Brentano:

Está claro então que a psicologia de nossa época, em que a fisiologia progrediu relativamente pouco, não pode ter passado dos primeiros começos de seu desenvolvimento. E, se prescindir de certas antecipações felizes, não pode nem falar de uma verdadeira psicologia científica em épocas anteriores (nossa tradução). (BRENTANO, 1969, p. 94)

Em segundo lugar, os fundamentos positivistas de investigação esclarecem, *não somente a razão pela qual a psicologia empírica, concebida como uma física social, não poderia ter sido formulada antes da consolidação da fisiologia, mas, também, o otimismo brentaniano acerca da psicologia empírica com respeito à evolução do conhecimento humano.*

Com a psicologia acha-se em conexão a ciência da sociedade, assim como todos os demais ramos da filosofia. E se foram reunidas em um só grupo, é porque suas investigações guardam entre si a mais íntima relação. Portanto, ainda que careça de capacidade para um desenvolvimento verdadeiramente científico, vemos que, em nossos dias, é completamente impossível que a filosofia tivesse podido alcançar um grau de desenvolvimento superior. Por conseguinte, tomando como fundamentos o seu atrasado estado atual, não é lícito tirar conclusões de que seja absolutamente impossível um progresso científico nela, e suas investigações não mereçam verdadeiramente o nome de esforço científico (nossa tradução). (BRENTANO, 1969, p. 94)

Em síntese, o que ficou aqui caracterizado foi a similitude entre o *telos* proposto por Brentano e Comte acerca daquela que seria *a ciência complementadora de todo o sistema positivo*. Por este motivo, entendia ainda Brentano que os fenômenos sociais deveriam ser concebidos exclusivamente como fenômenos psíquicos e, também por isso, seria a descoberta de suas leis que permitiriam encontrar as soluções para as questões que se impunham ao saber filosófico em sua época, a saber: as questões sociais e fundamentalmente, como precisara Comte acerca da *física social individual*, a moral.

Em nosso tempo, a questão social tomará como nunca o primeiro plano. A necessidade de sua solução satisfatória aparece com mais urgência que qualquer melhora da saúde pública, da agricultura ou das comunicações. Mas evidentemente, os fenômenos sociais são fenômenos psíquicos e nenhum outro saber pode ser invocado com força e ordem, senão o conhecimento das leis psíquicas e, portanto, saber filosófico (nossa tradução). (BRENTANO, 1969, p. 99-100)

O exposto é suficiente para apresentar a recepção do problema deixado pelo positivismo na filosofia brentaniana do psíquico.

CONCLUSÃO

Se, de fato, nós encontramos uma identidade entre o problema epistemológico proposto por Comte e Brentano, tal como sugeriu a interpretação de Münch, caberia agora compreender o modo como Brentano solucionou esse problema, ao retomar a *noção de relação intencional* inspirada na filosofia aristotélico-tomista. Em outras palavras, a presente investigação apenas indicou o caminho e estabeleceu a pergunta norteadora para uma investigação que apresente as razões pelas quais Brentano considerou plausível conceber a *física social* como uma *psicologia empírica*. Não faz parte do escopo desse trabalho, mas a elucidação deste ponto exigiria o esclarecimento acerca do modo como Brentano justificou a possibilidade da *percepção interna dos fenômenos psíquicos*, a partir da descrição da atividade intencional da consciência, tal como foi apresentada primeiramente na *Psicologia do ponto de vista empírico*.

REFERÊNCIAS

ALBERTAZZI, Liliana. *Immanent realism: an introduction to Brentano*. Dordrecht: Springer, 2006.

BARSOTI, Bernard. De Leibniz à Brentano: naissance et fin du rêve d'une "chimie des représentations". *Archiv f. Gesch. d. Philosophie* 85. Bd., p. 131–151, 2003.

BRENTANO, Franz. *Aristoteles und seine Weltanschauung*. Hamburg: Felix Meiner, 1977.

_____. *Aristóteles*. Tradução: Moises S. Barrado. Barcelona: Labor, 1943.

_____. *Aristóteles: vida e obra*. 1ª. Ed. Tradução: Evandro O. Brito. Florianópolis: Editora Bookess, 2012.

_____. *El origen del conocimiento moral*. Tradução: Manuel G. Morentes. Madrid: Editorial Tecnos, 2002.

_____. *Las razones del desaliento en la filosofía*. In: *El porvenir de la filosofía*, tradução: Xavier Zuribi, *Revista de Occidente*, Madrid, 1936, p. 85 – 104.

_____. *Las cuatro fases de la filosofía y su estado actual*. In: *El porvenir de la filosofía*, tradução: Xavier Zuribi, *Revista de Occidente*, Madrid, 1936, p. 01 – 34.

_____. *Psychologie vom empirisch Standpunkt*. Erster Band, Hamburg: Feliz Meiner, 1973.

_____. *Psychologie vom empirisch Standpunkt*. Zweiter Band, Hamburg: Feliz Meiner, 1971.

_____. *Psychologie vom empirisch Standpunkt*. Dritter Band, Hamburg: Feliz Meiner, 1974.

_____. *Psicología desde un punto de vista empírico*. Tradução: Hernán Scholte, Universidade Complutense, Madri. Disponível em: <<http://fs-morente.filos.ucm.es/publicaciones/recursos/Brentano.pdf>> . Acesso em: 20 de junho de 2012.

_____. *Psicología desde un punto de vista empírico*. Tradução: José Gaos, *Revista de Occidente*, Madrid, 1935.

_____. *Psychologie du point de vue empirique*. Tradução: Mauricio de Gardillac. Paris: Aubier, 1944.

_____. *O Conceito de verdade*. 1ª. Ed. Tradução: Evandro O. Brito. Florianópolis: Editora Bookess, 2013.

_____. *Über die Zukunft der Philosophie nebst den Vorträgen Über die Gründe der Entmutigung auf philosophischen Gebiet – Über Schellings System sowie den 25 Habilitationsthesen*, Hamburg: Feliz Meiner, 1969.

BRITO, Evandro O. *A descrição da atividade intencional da consciência na obra psicologia descritiva de Franz Brentano*. Marília: *Kínesis*, Vol. IV, nº 07, 2012. p. 174-187 Disponível em: <<http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/evandrobrito174-187.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2013.

_____. *Franz Brentano e a descrição dos atos psíquicos intencionais: uma exposição esquemática do manuscrito Psychognosie de 1890*. Recife: **Ágora filosófica**, Vol. I, nº 1, 2012. P. 87-114. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs-2.3.4/index.php/agora/article/view/164/150>>. Acesso em: 19 mar. 2013.

_____. *Franz Brentano, Correspondência e Verdade: uma exposição esquemática da análise de Franz Brentano apresentada no texto Über den Begriff der Wahrheit (1889)*. Guarapuáva: *Revista Guairacá*, Vol. 28, nº 1, 2012. P. 01-20. Disponível em: <<http://revistas.unicentro.br/index.php/guaiaraca/index>>. Acesso em: 19 mar. 2013.

_____. *Psicologia e Ética - O Desenvolvimento da ética na filosofia do psíquico de Franz Brentano*. 1ª. Ed. Curitiba: Editora CRV, 2013.

COMTE, Augusto. *Curso de filosofia positiva*. São Paulo: Editora Abril, 1973.

FISSETTE, Denis; FRÉCHETTE, Guillaume. *À l'école de Brentano de Würzburg à Vienne*. Paris: Vrin, 2007.

GRANADOS, Sergio Sánchez-Migallón. *Lá ética de Franz Brentano*. Navarra: EUNSA, 1996.

GONZÁLEZ PORTA, Mario Ariel. *Franz Brentano*. Equivocidad del ser y objeto intencional. *Kriterion Revista de Filosofia*, Minas Gerais, vol. XLIII, nº. 105, p. 7-118, jan. a jun. 2002.

GONZÁLEZ PORTA, Mario Ariel. *Brentano e sua escola*. São Paulo: Loyola. 2014.

MÜNCH, Dieter. *Brentano and Comte*. *Grazer Philosophische Studien* 35, 1989. p. 33-54.

SIMONS, Peter. Introduction. In. BRENTANO, Franz. *Descriptive Psychology*. Trad.: Benito Müller. New York: Routledge, 1995.